

Neococoncretismo,
uma polêmica

As 45 obras da exposição do MAC dão uma boa ideia do que foi o movimento artístico que agitou 1958

OS NEOCONCRETISTAS

Antonio Gonçalves Filho
Agência Folha

Alguns dos trabalhos que integram a exposição do MAC tiveram parte da história "1ª Exposição Neoconcreta" realizada em 1958, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, quando os artistas participantes, sete, assinaram um manifesto através do qual afirmaram a existência de uma "arte concreta" que buscava a arte, segundo os neoconcretistas, "toda a autonomia, substituindo as qualidades intrínsecas da obra de arte por noções de objetividade científica".

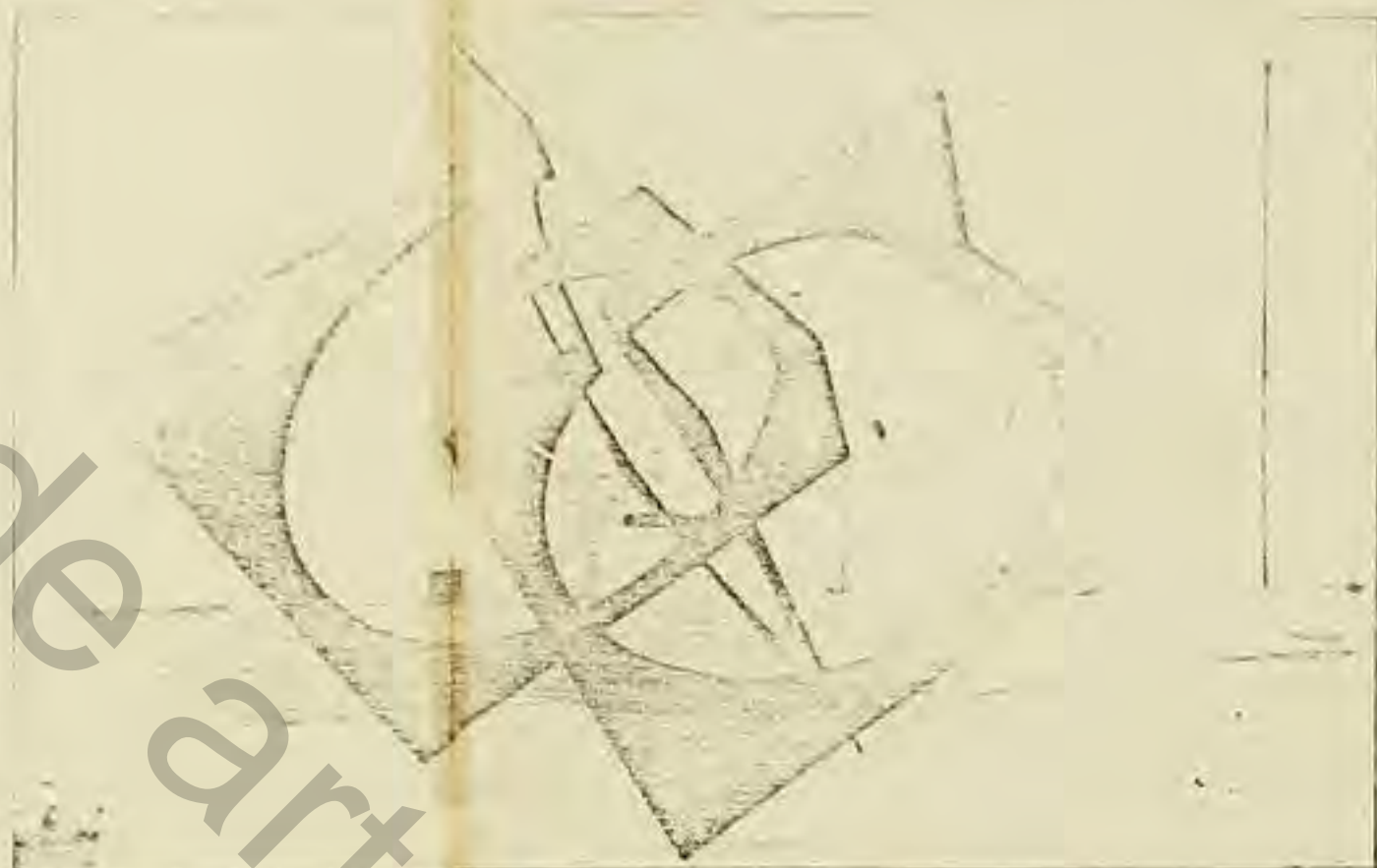
O poeta Ferreira Gullar, 55, um dos que assinaram o manifesto, via, também na poesia concreta, o mesmo objetivo mecânico da pintura e, hoje, decorridos 25 anos da exposição, defende ainda a posição de que os neoconcretos provocaram uma verdadeira "revolução" nas artes plásticas brasileiras. "Os neoconcretos tiraram a pintura do espaço bidimensional, criando formas abertas à participação do espectador, além de terem rompido os limites que separavam os gêneros — pintura, escultura, poesia — e deixado uma herança inestimável para os novos artistas, por exemplo Rubem Gerchman, que bebeu na fonte dos neoconcretistas".

Gullar, entretanto, não nega que os neoconcretistas sofriram do "mal da época". "Desligados da realidade nacional, eles representavam o último ramo de uma experiência vanguardista europeia que aqui veio florescer, acentuada pela 1ª Bienal de São Paulo, em 1951, com a introdução das obras e idéias de Max Bill" (então diretor da Escola Superior de Forma, de Ulm).

Outro participante da 1ª Exposição Neoconcreta de 1958, o poeta e crítico Theon Spanudis, 70, lembra que o concretismo introduzido por Max Bill, na década de 50, "se caracterizava pelo seu rigor racionalista", e critica o líder dos concretos paulistas, o pintor Waldemar Cordeiro. "Um dos mais fracos pintores do grupo, Cordeiro compensava a sua fraqueza criativa por intensas atividades políticas, chegando até a propor a abolição total do uso das cores na pintura, para evitar interferências e respostas emotivas do espectador".

Contra esse rigor racionalista, segundo Spanudis, foi que surgiu o embrião do movimento neoconcreto, no Rio, integrado, também, por artistas de São Paulo (como Willy de Castro e Hércules Barsotti).

"Dos pintores concretos paulistas, somente dois fugiram desse rigor racionalista, Lothar Chroux e Luiz Sacilotto", observa Spanudis, que atribui, também, uma decisiva influência da poesia importada sobre os poetas concretos. "Ao contrário desses, os poetas neoconcretos



Uma escultura em ferro de Franz Weissmann e um quadro de Ivan Serpa estão entre as obras selecionadas pelo crítico Frederico Morais



não desejavam mais visualizar uma forma, mas um movimento" (cabe esclarecer que os poetas concretos, particularmente os poigandristas, se caracterizavam pela fusão de texto com uma forma visual, em geral geométrica).

RETOMADA OU RUPTURA?

Dos artistas que participaram do movimento neoconcreto — inclusive assinando o "manifesto", em 59 — poucos ainda defendem com ardor conceitos emitidos na época, preferindo usá-lo como uma "fase". É o caso, por exemplo, de Lygia Pape, 47, que recentemente fez uma individual na Galeria Arco, em São Paulo ("O Olho do



Guará"). "Particpei efetivamente do grupo que era, de resto, muito interessante. Inventava-se muito e a liberdade de criação era extrema, mas não me considero, hoje, uma neoconcretista, até mesmo porque o movimento morreu. Prossigui, depois, com outros tipos de experiências que não se enquadram exatamente nessa tradição". Parece claro para quem viu a última exposição de Lygia Pape. Se os neoconcretos, na época, acusavam a ciência e a tecnologia de ofuscarem certos artistas, que recorriam a noções objetivas para aplicá-las como método criativo (críticos aos concretos), hoje parecem seduzidos pelo rigor do método. "Mudei pouco", sentencia o escultor mineiro Amílcar de Castro, 68, que apresentou, na 1ª Exposição Neoconcreta, sete trabalhos. "Mas"

— cochil — "de certa maneira tomei outros rumos, apesar de reconhecer o movimento como de grande importância para uma pesquisa de origem da arte brasileira". Castro admite que jamais gostou do nome "neoconcreto", "porque o movimento foi, ao mesmo tempo, uma ruptura e um desdobramento do concretismo, embora isso não se aplique à minha experiência particular, porque mesmo antes de Max Bill introduzir a arte concreta em nosso meio, em 1951, eu já vinha fazendo experiências nesse sentido".

MOMENTO CRUCIAL

Para o crítico e escritor Ronaldo Brito, 35, autor do livro "Vértice e Ruptura do

Neococoncretismo, movimento artístico que agitou os círculos intelectuais cariocas e paulistas no final da década de 50 e início dos anos 60, constituiu uma tomada de posição em face da arte não-figurativa "geométrica" classificada por um de seus membros, o poeta e crítico de arte Ferreira Gullar, como uma "antropologia legítima" ou se apenas passou à história como uma diluição do movimento concreto brasileiro, como defende o ensaísta e poeta Décio Pignatari, é o que os visitantes da exposição "Rio: Vértice Construtivo" — aberta de hoje, a partir das 18h30 — e até o próximo dia 25 de junho, no Museu de Arte Contemporânea (MAC), no Itaipava — terão oportunidade de julgar, observando 45 obras realizadas no período.

Os nomes dos artistas participantes do movimento — sediados, na época, no Rio e em São Paulo — ao menos escaparam dessa batalha ideológica regionalista, onde o racionalismo concretista se opunha à negação das atitudes científicas pelos neoconcretos. São todos célebres e extremamente considerados, hoje: Hércules Barsotti, Aluísio Carvão, Amílcar Castro, Willy de Castro, Lygia Clark, Hélio Oiticica, Lygia Pape, Décio Vieira, Osmar Dillo, Franz Weissmann e os poetas Ferreira Gullar, Fortes de Almeida, Reynaldo Jardim e Theon Spanudis. E, ao lado destes, o crítico Frederico Morais, 49, curador da mostra, acrescentou mais alguns, que integram o ciclo de exposições sobre arte no Rio de Janeiro, que a Galeria de Arte Banesj vem realizando desde o final do ano passado.

No Rio, a atual exposição do MAC foi dividida em três núcleos distintos: "Neoconcretismo / 1958-1961", "Grupo Frente/1954-1956" e "1ª Exposição Nacional de Arte Abstrata", realizada no Hotel Quitandinha, em 1965. "Agora as três mostras estão reunidas porque o espaço do MAC é maior, o que possibilita ao visitante observar, de uma só vez, o rico filão construtivo da arte abstrata brasileira dos anos 50, sediada no Rio", explica o curador e crítico Frederico Morais, não sem antes esclarecer que não pretende, com essas exposições (em particular a dos artistas neoconcretistas) reeditar a antiga polêmica entre Rio e São Paulo, "mas apenas oferecer elementos para uma reflexão por parte dos críticos, historiadores, pesquisadores, estudantes e artistas". Elementos para tal reflexão o público tem de sobra: ao todo são 47 trabalhos assinados pelos principais representantes dos três movimentos, do meticuloso Ivan Serpa ao libertário Oiticica, incansável investigador de novas linguagens, já falecido.

Enquanto o poeta e crítico Ferreira Gullar tenta provar que "a arte concreta chegou a uma concepção teórica da forma que terminou por limitá-la a determinados esquemas perceptivos", no livro que estará lançando hoje, às 18h30, durante a inauguração da exposição, "Etapas da Arte Contemporânea" (Nobel, 263 pág., Cr\$ 48 mil), o poeta Décio Pignatari, 53, continua achando que o neoconcretismo "surgiu mais de uma ruptura regionalista entre Rio e São Paulo do que propriamente a partir de colocações de outra natureza".

A polêmica, como se vê, prossegue, apesar dos anos. Pignatari afirma que os artistas neoconcretos "tinham uma visão artesanal da arte, e por isso defendiam a intuição, talvez por perceberem que não eram tão construtivos assim". Gullar contesta: "Eles apenas rejeitavam o primado da razão sobre a sensibilidade, para colocar a percepção estética como uma forma capaz de apreender e formular, sinteticamente, as complexas experiências humanas. Só as pessoas de São Paulo — entre as quais o crítico Jacob Klintonowit — não perceberam isso".

"Qual nada", responde Pignatari. Parece natural que os artistas concretos, que moravam numa metrópole industrial, tivessem uma visão menos intuitiva da arte, o que significa, menos sentimental sentimentalidade e menos nacional-nacionalidade dela. Os cariocas sempre tiveram apoio oficial — não se esqueça que o Rio era Capital Federal, no tempo em que eclodiu o neoconcretismo. Nós, de São Paulo, éramos a "legião estrangeira", porque não negligenciávamos os aspectos ideológicos da arte. Trabalhá-vamos junto ao Partido (Partido Comunista Brasileiro), porque nossa luta era para fazer uma arte que estivesse ao nível da evidência, isto é, pudesse ser entendida por todos. Os neoconcretistas eram subjetivistas, apesar de, hoje, críticos como Aracy Amaral e artistas como Lygia Pape distorceram a verdade, afirmando que eles tinham uma posição política de esquerda. Para finalizar, o movimento não passou de uma diluição do concretismo. Isso está certo".